

GÊNEROS DO DISCURSO: UNIDADE E DIVERSIDADE

Helena Hathsue Nagamine Brandão (USP)*

RESUMO: Partindo do pressuposto de Bakhtin de que todo “querer dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso”, pretende-se discutir a questão do gênero sob o prisma da tensão entre as forças centrípetas e as forças centrífugas que nele atuam. O gênero se constitui como conjunto de traços marcados por certa regularidade, o que lhe confere relativa estabilidade, e ao mesmo tempo, pelo seu caráter sócio-histórico, se constitui de pontos de fuga, forças que atuam sobre as coerções genéricas, desestabilizando-o e possibilitando novas formas de comunicação e expressão.

PALAVRAS-CHAVE: gêneros do discurso, discurso/texto, coerções genéricas, heterogeneidade discursiva .

ABSTRACT: The starting point of this discussion is Bakhtin's assumption that all a speaker would like to say is reflected above all in his choice of speech genre. This paper discusses the issue of genre from the point of view that there exists a tension between the centripetal and centrifugal forces that act upon the discourse. Genre consists of a collection of markers that have a regularity that affords relative stability, but at the same time, due to its social and historic aspects, consists of escape points. These points are forces that act upon the generic coercion, destabilizing it and making new ways of communicating and expressing ideas possible.

KEYWORDS: genre of discourse, discourse/text, generic coercion, discourse heterogeneity.

1. Introdução

Desde que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) tematizaram a importância dos gêneros no ensino da língua, a

questão do gênero tem sido muito debatida. Mas essa noção tem uma longa tradição na história dos estudos da linguagem.

A noção de gênero do discurso/gênero textual vem sendo explorada desde Platão e Aristóteles e várias classificações têm aparecido ao longo dos tempos, dentre elas: a clássica distinção entre poesia e prosa; a distinção entre lírico, épico e dramático, a oposição entre tragédia e comédia; a teoria dos três estilos: elevado, médio e humilde que remonta à Idade Média, além da distinção da Retórica Antiga entre discursos deliberativo, judiciário e epidítico. O estudo dos gêneros foi, dessa forma, uma constante temática que interessou os antigos e tem atravessado as preocupações dos estudiosos da linguagem. Essa preocupação com a questão do gênero tem resultado numa variedade de abordagem - o que se atesta pela metalinguagem utilizada; tem-se usado às vezes indistintamente os termos: gêneros textuais, tipos de discurso, tipos textuais, modos/ modalidades de organização textual, espécies de texto e de discursos etc.

A questão do gênero foi inicialmente preocupação da poética e da retórica e não da lingüística, por uma dupla razão: primeiro porque, enquanto uma ciência específica da linguagem, a lingüística é recente e, depois, porque sua preocupação, no princípio, foi com as unidades menores que o texto (o fonema, a palavra, a frase). Na medida em que ela passa a se preocupar com o texto, começa a pensar na questão da classificação. Essa preocupação se torna crucial quando ela deixa de trabalhar apenas com textos literários, mas volta-se também para o funcionamento de qualquer tipo de texto.

2. As tipologias na lingüística

Nos últimos anos, vários pesquisadores têm se consagrado ao estudo das tipologias de texto. A pesquisa de classificação tipológica, entretanto, no início pareceu estar mais limitada ao domínio da literatura (através da teoria dos gêneros) ou ao campo da didática da língua, do que à lingüística propriamente dita.

No campo da didática de línguas, por se trabalhar com textos e ter por objeto natural de reflexão os discursos dos alunos, das mídias, da literatura, têm se colocado questões relativas às classificações desses textos e discursos. O conhecimento das categorias textuais e discursivas é fundamental no ensino/aprendizagem da língua, pois muitas vezes as dificuldades de leitura e/ou produção escrita advêm do desconhecimento de uma representação organizada e hierarquizada do conteúdo semântico do texto, da composição textual no seu todo e da sua adequação pragmático-discursiva à situação de interlocução.

Tendo em vista a importância de se estabelecer uma tipologização para melhor entender os princípios que regem a organização textual, no campo da lingüística hoje circula uma variedade enorme de tipologias. Temos, por ex., as tipologias funcionais, fundadas sobre o estudo das funções dos discursos (Jakobson); as tipologias enunciativas inspiradas em Émile Benveniste; as tipologias cognitivas de que Jean Michel Adam seria um representante; as tipologias do continuum oral-escrito (Luiz Antônio Marcuschi); as tipologias sócio-interacionistas (Bakhtin).

Reconhecendo que toda tipologia apresenta problemas, ou porque restritas ou porque amplas demais, mas compreensíveis devido ao caráter heterogêneo e complexo desse objeto que é o texto, vou me deter na tipologia discursiva baseada numa concepção sócio-interacionista de linguagem inspirada em Mikhail Bakhtin (1992).

3. Discurso e Texto

Antes de desenvolver mais detalhadamente as idéias de Bakhtin, será importante verificar em que sentido estaremos usando os termos discurso e texto.

Por discurso, entendemos toda atividade comunicativa, produtora de sentidos, ou melhor, de efeitos de sentidos, entre interlocutores (sujeitos situados social e historicamente) nas suas relações interacionais. Pressupõe uma concepção de língua enquanto trabalho, atividade de construção de sentidos entre falantes na qual o que se diz significa em relação ao que não é dito, ao efeito que se pretende atingir; significa em relação ao lugar social de onde se diz, a quem se diz; significa em relação a outros discursos que circula(r)am socialmente.

O discurso se manifesta lingüisticamente por meio de textos. Isto é, o discurso se materializa sob a forma de texto. É por meio do texto que se pode entender o funcionamento do discurso.

O texto, oral ou escrito, é construído no processo das relações interacionais, constituindo-se num todo significativo, independentemente de sua extensão. Como unidade complexa de significação, sua produção/compreensão implica levar em conta as condições de sua produção (situação de enunciação, interlocutores, contexto histórico social), mobilizando competências não só lingüísticas como competências extra-lingüísticas (conhecimento de mundo, saber enciclopédico, determinações sócio-culturais, ideológicas etc). Como objeto empírico, o texto constitui uma unidade significativa com começo, meio e fim.

4. A tipologia do discurso em Bakhtin

Em seus escritos, o lingüista russo Mikhail Bakhtin (1992) insiste no caráter social dos fatos de linguagem, considerando o enunciado como o produto da interação social, determinado por uma situação material concreta assim como pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma dada comunidade lingüística. Insiste sobre a diversidade das atividades sociais exercidas pelos diversos grupos

e conseqüentemente sobre a diversidade das produções de linguagem a elas relacionadas; a língua usada no cotidiano, a língua usada no trabalho, as narrações literárias, as peças jurídicas, os textos políticos etc. constituem sistemas diferentes e atestam a necessidade de uma competência polilíngüística fundamental de todo falante.

Assim, para Bakhtin, os discursos são produzidos de acordo com as diferentes esferas de atividade do homem. Por ex, a escola é um lugar em que atuamos em diferentes esferas de atividades. Cada esfera de atividade nos exige uma forma específica de atuar com a linguagem. Dessa forma, temos uma esfera de atividade que é a aula, outra que é a reunião de pais e mestres, a reunião dos professores, o encontro dos alunos no recreio etc., cada uma dessas esferas exigindo uma forma específica de uso da linguagem, um gênero diferente de discurso.

A riqueza e a diversidade das produções de linguagem são infinitas, mas organizadas. Bakhtin estende os limites da competência lingüística dos sujeitos para além da frase na direção do que ele chama os “tipos relativamente estáveis de enunciados”, “o todo discursivo”, isto é, os gêneros discursivos, para os quais somos sensíveis desde o início de nossas atividades de linguagem. Portanto, os gêneros do discurso são diferentes formas de uso da linguagem que variam de acordo com as diferentes esferas de atividade do homem.

Se os gêneros do discurso não existissem e se nós não tivéssemos o seu domínio e se fosse preciso criá-los pela primeira vez em cada processo da fala, se nos fosse preciso construir cada um de nossos enunciados, a troca verbal seria quase impossível. (Bakhtin, 1992:302)

Em cada esfera de atividade social, portanto, os falantes utilizam a língua de acordo com gêneros de discurso específicos.

O querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso. Essa escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído

dos parceiros etc. Depois disso, o intuito discursivo do locutor, sem que este renuncie à sua individualidade e à sua subjetividade, adapta-se e ajusta-se ao gênero escolhido, compõe-se e desenvolve-se na forma do gênero determinado [...] Para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos). Na prática, usamo-los com segurança e destreza, mas podemos ignorar totalmente a sua existência teórica. [...] Na conversa mais desenvolta, moldamos nossa fala às formas precisas de gêneros, às vezes padronizados e estereotipados, às vezes mais maleáveis, mais plásticos e mais criativos.(Bakhtin, 1992:301)

Os gêneros se caracterizam pelos seus conteúdos temáticos, por estruturas composicionais específicas e pelos recursos lingüísticos (estilo) utilizados.

Bakhtin propõe distinguir: a) gêneros de discursos primários (ou livres) constituídos por aqueles da vida cotidiana, e que mantêm uma relação imediata com as situações nas quais são produzidos; temos um conhecimento intuitivo deles, adquirido nas nossas relações e experiências do dia a dia; b) gêneros de discursos segundos (ou estandartizados) que “aparecem nas circunstâncias de uma troca cultural (principalmente escrita) - artística, científica, sócio-política - mais complexa e relativamente mais evoluída”. Esses discursos segundos (romance, teatro, discurso científico) repousam sobre instituições sociais e tendem a explorar e a recuperar os discursos primários, que perdem desde então sua relação direta com o real para tornar-se “literatura” ou “teatro”. Para dominá-los, geralmente precisamos de uma educação formal e sistematizada.

Aprendemos a moldar nossa fala às normas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que,

em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. (Bakhtin, 1992:302)

Quando um indivíduo fala/escreve ou ouve/lê um texto, ele antecipa ou tem uma visão do texto como um “todo acabado”. Isso se dá justamente pelo conhecimento prévio que ele tem dos gêneros a que ele teve acesso na sua história escolar ou de leitura.

É justamente baseado em um conhecimento global de como se dão discursivamente as interações, que o falante, muitas vezes, especifica, durante a sua fala, o gênero do discurso que está produzindo ou a que se refere. Assim, é comum ouvirmos as pessoas dizerem:

- no **telefonema** de ontem
- na **palestra** de hoje
- a **entrevista** de fulano
- a **piada** do dia
- a **reportagem** de ontem
- o **noticiário** desta noite etc.

Telefonema, palestra, entrevista, piada, reportagem etc. são diferentes gêneros discursivos mobilizados pelos falantes e requeridos em função das esferas de atividade em que estão inseridos.

Além disso, muitas vezes, os gêneros têm marcas lingüísticas mais ou menos fixas, ou estereotipadas; essas marcas indicam em que gênero se inserem, identificando-o:

- era uma vez (abertura de uma narrativa ficcional)
- prezado amigo (abertura de carta)
- tome meio quilo de açúcar e adicione... (receita culinária)
- alô, quem é? (telefonema)

5. O gênero entre a estabilidade e a maleabilidade

Um gênero, no entanto, não é uma forma fixa, cristalizada de uma vez por todas e que deve ser tratado como um fato homogêneo. É esse o equívoco que cometem algumas das abordagens pedagógicas. O professor não pode perder de vista a dimensão histórico-cultural que a noção de gênero implica em decorrência do caráter dialógico e social da linguagem.

Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais¹³ hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. (Marcuschi, 2002:19)

Os gêneros novos, entretanto, ao surgirem, ancoram-se em outros já existentes. Eles não nascem do nada, como criações totalmente inovadoras; mas, como toda atividade de linguagem, sua gênese revela uma história, um enraizamento em outro(s) gênero(s). Ex.: as passagens da carta para o e-mail ou da conversação numa interação face a face para o chat ou da aula presencial para a aula num projeto de educação a distância indicam o surgimento de novas modalidades genéricas determinadas por avanços tecnológicos; da mesma forma, a passagem do ensaio científico para o artigo de divulgação científica indica o aparecimento de um novo gênero em função do auditório e dos propósitos comunicativos (interlocução com os pares ou com um público mais amplo, não especializado).

Além disso, como traço evidente da maleabilidade do gênero, podemos constatar que o espaço textual pode ser atravessado por toda uma dimensão intertextual, gerando relações intragenéricas e/ou intergenéricas. Como consequência do caráter dialógico da linguagem, um texto pode citar, remeter ou fazer alusão a outros textos do mesmo gênero ou de gêneros diferentes com os quais interage intertextualmente. Como exemplo de relação intragenérica (textos pertencentes a um mesmo gênero), num processo intradiscursivo, podemos citar as

várias versões das fábulas de Esopo: na França, por La Fontaine e, entre nós, por Monteiro Lobato e Millôr Fernandes. A título de ilustração, vejamos, o poema *Canção do Exílio* de Gonçalves Dias e duas dentre as várias retomadas feitas desse texto original.

Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras.
Onde canta o sabiá;
na palmeira, longe
As aves que aqui gorjeiam.
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas.
Nossas várzeas tem mais flores.
sobre flores úmidas
Nossos bosques têm mais vida.
Vozes na mata,
Nossa vida mais amores.
Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras.
um sabiá,
Onde canta o Sabiá.
na palmeira, longe.
Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, à noite –
só, na noite,
Mais prazer encontro eu lá.

Nova Canção do Exílio

Um sabiá

Estas aves cantam
um outro canto.

O céu cintila

Só, na noite,

Só, na noite,
seria feliz:

Onde é tudo belo e
fantástico,

seria feliz.

Minha terra tem palmeiras.

(Um sabiá,

Onde canta o Sabiá.

na palmeira, longe.)

Não permita Deus que eu morra.

Ainda um grito de vida e

Sem que eu volte para lá.

voltar

Sem que desfrute os primores

para onde é tudo belo

Que não encontro por cá;

e fantástico:

Sem qu'inda aviste as palmeiras.

a palmeira, o sabiá,

Onde canta o Sabiá.

o longe

DIAS, Gonçalves. Gonçalves Dias:

poesia. Por M. Bandeira. Rio de Janeiro: Agir, 1975.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro:

Aguillar, 1964.

Canção do Exílio

Minha terra tem macieiras da Califórnia

onde cantam gaturamos de Veneza.

Os poetas da minha terra

são pretos que vivem em torres de ametista,

os sargentos do exército são monistas, cubistas,

os filósofos são polacos vendendo a prestações.

A gente não pode dormir

com os oradores e os pernilongos.

Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda.

Eu morro sufocado

em terra estrangeira.

Nossas flores são mais bonitas

nossas flores mais gostosas

mas custam cem mil réis a dúzia.

MENDES, Murilo. *Poesias* (1925-1955)

Rio de Janeiro: J. Olympio, 1959.

A relação estabelecida entre os três textos se dá dentro do mesmo gênero: o poema lírico. Embora os dois poemas contemporâneos retomem a temática do exílio, isso é feito sob focos diferentes em relação ao texto gerador; primeiro, por contingências histórico-culturais que determinam a inserção dessas produções ao estilo da época e, segundo, por idiosincrasias peculiares ao modo de ver a realidade de cada um dos poetas. *A Nova Canção do Exílio* se mantém mais fiel à tradição tanto na temática quanto na composição da estrutura geral do poema: reproduz o mesmo número de estrofes, o mesmo número de versos em cada estrofe, o mesmo posicionamento dos versos recorrentes, os mesmos vocábulos ou formas sinônimas dispostos em versos equivalentes aos do poema gerador (Brandão, 1977:236). Do ponto de vista estrutural, o que marcadamente diferencia os dois poemas seria a organização sintática: “Enquanto na Canção 1 o contorno semântico é composto por uma estrutura sintática de tipo: sujeito + verbo + objeto direto (Minha terra tem palmeiras), engendrando funções precisas (a de sujeito, a de predicado, a de objeto), na Nova Canção o contexto é parcamente definido por falta de agentes informadores (ausência de verbo, de modificadores, e da própria função de sujeito, de predicado de objeto). Havendo uma baixa definição sintática, aumentam as possibilidades de leitura” (Brandão, 1977:238). Observa-se, ainda, que a Nova Canção é extremamente rarefeita em determinações espaciais e temporais que, acrescidas à omissão dos verbos, das formas indicadoras da pessoa gramatical e dos vocábulos “terra” e “Deus”, constituem todos recursos que criam efeitos de sentido novos, como a desistoricização, diluição de referências temporais e espaciais, esvaziamento de uma realidade concreta.

Se o poema de Drummond dissolve o ritmo do texto gerador por reduzi-lo a partes extremamente pequenas que se verticalizam no espaço da página, o poema de Murilo Mendes dissolve-o por distendê-lo horizontalmente no alongamento dos versos.¹⁴ Se o primeiro “funda-se numa retórica da economia”, reduzindo substancialmente as relações sintáticas, o segundo “baseia-se numa retórica da abundância”, multiplicando essas relações. O processo de transformação do poema de Murilo

Mendes “consiste em redimensionar os componentes da Canção I enraizando-os numa problemática social, histórica e cultural, isto é, o poema gerado retoma os mesmos signos esvaziando-os das unidades culturais a que eles estavam ligados e os associa a outras unidades culturais. Dito de outro modo, o poema gerado neutraliza parte do significado do poema fonte e potencializa outros significados” (Brandão, 1977:242), como os da denúncia do estrangeirismo, denúncia da inautenticidade, da inacessibilidade, da retórica vazia, da opressão estrangeira. Em relação ao poema gerador, faz-se “uma leitura desmistificante e profanadora” da lírica romântica, mostrando uma subjetividade moderna dilacerada pelas contradições da história.

A dimensão intergenérica, num processo interdiscursivo, revela-se quando um texto de um determinado gênero dialoga com, remete a, ou incorpora outro gênero imitando ou deslocando a função e/ou a forma originais. A literatura está cheia de casos de deslocamento/embricamento de gêneros visando provocar estranhamento com fins estéticos. Na linguagem cotidiana, não literária, buscando diferentes efeitos de sentido (ironia, crítica, vozes que ecoam outras vozes etc.) também o fenômeno é frequente. Como exemplo, podemos citar um texto de Carlos Heitor Cony:

Receita de Pauta

Rio de Janeiro – Pegue um livro do Leonardo Boff, um pôster da Luma de Oliveira no sambódromo, a cara compenetrada do Antônio Carlos Magalhães olhando um broche em forma de trombone (ou vice-versa, ou seja, um trombone em forma de broche olhando para o Antônio Carlos Magalhães), o procurador Luiz Francisco vestido com um dos ternos do Jô Soares e vice-versa, o Jô vestido com os ternos do procurador, junte tudo num caldeirão do Huck e coloque numa plataforma da Petrobrás adernada, com um pouco das medidas que o ministro José Gregori ameaça tomar. Mas sem exagerar.

Mexa tudo com um pau-de-arara fotografado pelo Sebastião Salgado e bote para descansar no sítio do presidente da República, antes que o movimento dos sem-

terra movimente a tranqüilidade do campo e perturbe o minuto de silêncio pela morte de Mário Covas.

Numa CPI de barro, prepare uma liminar contra a quebra do sigilo telefônico do Eduardo Jorge, coloque um habeas corpus em favor do Luiz Estevão e deixe o caldo engrossar em ponto de bala perdida no morro de Santa Marta.

Deixe esfriar no banho de sol dos amotinados do Carandiru, com direito a consultas grátis do Drauzio Varella e comentários lingüísticos do Pasquale Cipro Neto, tomando cuidado para não perturbar o terço bizantino do padre Marcelo Rossi.

Tire o véu da Feiticeira e coloque um emplastro Sabiá nas colunas dos especialistas em informática, mas tomando cuidado para não misturar com colunas de economia.

Finalmente, enfeite uma travessa com fitas periciadas por técnicos da UNICAMP e dossiês do Caribe, tomando cuidado para que os dossiês do Caribe não sejam periciados por agentes infiltrados da operação Collor.

Tudo pronto, é servir com esqueletos escondidos no Banco Central e com frutos do mar de escândalos.

(Folha de

S. Paulo, 24/03/2001)

Neste texto, o autor joga com três gêneros: a crônica jornalística, a pauta jornalística e a receita culinária. Na verdade, trata-se de uma crônica que se serve dos recursos lingüísticos de dois gêneros de caráter prescritivo: a pauta jornalística, que se caracteriza pela listagem, enumeração de itens e da receita culinária que se caracteriza por uma seqüenciação de ações a serem seguidas, por verbos no imperativo (ou infinitivo com esse valor), vocabulário específico. Esses dois gêneros, retirados de seus lugares próprios e colocados no interior de outro gênero conservam suas características de base, reconhecíveis pelos falantes/ouvintes. Tendo suas funções deslocadas, contribuem para estabelecer relações semânticas e discursivas inusitadas ao causarem estranhamento e provocarem determinados efeitos de sentidos.

Essas considerações apontam para uma dimensão importante a se levar em conta na prática pedagógica, tanto em relação à produção textual quanto à leitura: é a tensão entre aquilo que Bakhtin chama de forças centrípetas e forças centrífugas. Enquanto conjunto de traços marcados pela regularidade, pela repetibilidade, o gênero é relativamente estável, mas essa estabilidade é constantemente ameaçada por pontos de fuga, por forças que atuam sobre as coerções genéricas. Em determinados gêneros, essa tensão se faz marcar de maneira mais acentuada que em outros.

Por ex.,

- *as cartas comerciais, requerimentos, lista telefônica, textos cartoriais e administrativos são fórmulas e esquemas composicionais pré-estabelecidos sobre os quais há forte controle, sendo, portanto, pouco ou nada sujeitos a variações;*
- *um jornal televisionado, uma reportagem, um guia de viagem, seguem também esquemas pré-estabelecidos, mas toleram desvios, permitindo recurso a estratégias mais originais, a inflexões mais particulares. Um guia de viagem pode desviar-se das rotinas do gênero e apresentar-se por meio de uma narrativa de aventuras ou um diálogo entre amigos;*
- *certos tipos de anúncios publicitários, letras de música, textos literários constituem gêneros que incitam à inovação, provocam rupturas em relação ao esperado, revelando-se inusitados em relação ao gênero original.*

O professor tem que estar atento a essa dupla face que o gênero apresenta: forças de concentração atuando ao lado de forças de expansão. Pois é a concentração que vai garantir, pela estabilidade do sistema, a economia nas relações de comunicação e a intercompreensão entre os falantes, e é a expansão que vai possibilitar a variabilidade desse sistema com a criação, a inovação e conseqüente inscrição do sujeito na linguagem com seu idioleto, seu estilo. No ensino-aprendizagem da língua, deve-

se estar bastante atento a esse embate que se trava na arena do discurso: de um lado, o que constitui a genericidade – o estilo coletivo – de uma atividade de fala numa determinada esfera, de outro, o que constitui a marca individual do falante – o estilo individual, com a introdução da problemática da autoria.

6. Tipos textuais e gêneros discursivos

Numa perspectiva discursiva, o gênero deve ser trabalhado enquanto forma codificada socio-historicamente por uma determinada cultura e enquanto objeto material, isto é, enquanto materialidade lingüística que se manifesta sob diferentes formas de textualização. Em outras palavras, o gênero é toda e qualquer manifestação concreta do discurso produzida pelo sujeito em uma dada esfera social do uso da linguagem.

Cabe à escola aprimorar ou fazer conhecidos gêneros que normalmente não são do âmbito da experiência cotidiana do aluno, visando a ampliar seu universo de conhecimento. Seria importante, nesse trabalho, levar o aluno a entender o seu funcionamento de forma que ele não apenas reconheça, identifique os já existentes, mas também esteja apto a integrar nas suas práticas de produção e recepção novas modalidades discursivas. Para se depreender a natureza do gênero discursivo a via de entrada é o texto. As abordagens que se fizerem no texto devem contemplar as dimensões que constituem o gênero tal como definido por Bakhtin: caracterização do conteúdo (dimensão temática), da construção composicional (dimensão textual) e do estilo (dimensão lingüística).

Para resumir esses dois conceitos, recorreremos às palavras de Silva (1997):

Os gêneros são formas de funcionamento da língua que construímos e atualizamos na forma de texto, nas situações discursivas de que participamos. São fenômenos contextualmente situados, (re)conhecidos por nós empiricamente. Ou seja, sabemos o que é uma carta, um bilhete, uma piada etc – na medida em que convivemos com essas formas de interlocução em nossa sociedade(Silva, 1997:105).

Os tipos textuais são modos enunciativos de organização/atualização do discurso no texto efetivados por operações textual-discursivas, construídas pelo locutor em função de sua atitude discursiva em relação ao seu objeto de dizer e ao seu interlocutor (Silva, 1997:101)

As operações de textualização podem realizar-se nas formas de estruturas seqüenciais¹⁵:

- narrativas, se o que se pretende é contar, apresentar acontecimentos; os gêneros discursivos em que esse tipo textual aparece podem ser:
 - a) no nível ficcional: o conto, a fábula, a lenda, o mito, narrativas de aventura, ficção científica, romance, novela, piada, adivinha;
 - b) no nível da representação, pelo discurso, de experiências de vida que se desenrolam no tempo: relatos de experiência vivida, relatos de viagem, diário, testemunho, biografia, curriculum vitae, (crônica social, esportiva), notícia, reportagem;

- descritivas, se o que se quer é caracterizar o objeto, fazê-lo conhecido; os gêneros discursivos em que esse tipo de texto aparece podem ser:
 - a) no nível ficcional/vivido: caracterização de seres, lugar, tempo;
 - b) no nível das instruções e prescrições visando a regular ações, comportamentos: instruções de uso ou de montagem, receita, regulamento, regras de jogo, textos preditivos;

- argumentativas, se se quer refletir, comentar, aliar, expor idéias, pontos de vista visando a uma determinaa conclusão; os gêneros discursivos em que esse tipo de texto pode aparecer são: textos opinativos, carta (de leitor, de reclamação, de

solicitação), editorial, discurso de defesa ou acusação, requerimento, ensaio, resenha crítica;

- explicativas ou expositivas, se o que se quer é fazer compreender fatos, processos, transmitir saberes; gêneros discursivos em que esse tipo de texto aparece: relatório técnico, científico, artigo enciclopédico; resumos, aula, conferência, comunicação científica

Vale lembrar, ainda, como corolário de uma concepção de linguagem regida pelo princípio do dialogismo, que o texto é constitutivamente heterogêneo, polifônico e não se textualiza sob uma única forma, podendo nele aparecerem, concomitantemente, seqüências narrativas, explicativas, argumentativas; por exemplo, num editorial de jornal, cuja forma de base é o argumentativo, podem aparecer também segmentos narrativos e/ou descritivos.

Bibliografia

ADAM, J.-M. *Les textes: types et prototypes*. Lausanne: Nathan, 1992.

ADAM, J.-M. Cadre théorique d'une typologie séquentielle. *Études de linguistique appliquée. Didactologie des langues-cultures*. Didier Érudition. Juillet-septembre, 1991.

BAKHTIN, M. Gêneros do Discurso. In: *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, M. (Voloshinov). (1929) *Marxismo e Filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 1979.

BEACCO, J.-C. Types ou genres? Catégorisation des textes et didactique de la compréhension et de la production écrites. In *Études de linguistique appliquée. Didactologie des langues-cultures*. Didier Érudition. Juillet-septembre, 1991.

BRANDÃO, H.H.N. (Coordenadora) *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo: Cortez Ed, 2000. (Coleção aprender e ensinar com textos, v. 5).

- BRANDÃO, R. de O. Entre o mítico e o profano. *Língua e Literatura* – Revista dos Departamentos de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. , vol.6, 1977.
- CHISS, J.L. Malaise dans la classification. *Langue Française no.74*, 1987.
- DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita. Tradução: Roxane H. R. Rojo. Digitado.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 2a. ed. Campinas: Pontes/UNICAMP, 1989.
- MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Trad. de M. C. Souza e Silva e D. Rocha. São Paulo: Cortez Ed. 2000
- MAINGUENEAU, D. Diversité des genres de discours. Digitado.
- MARCUSCHI, L.A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez Editora, 2001.
- MAINGUENEAU, D. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: Dionísio, A.P., Machado A.R., Bezerra, M.A.(orgas.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2002.
- SILVA, J.Q. Gênero discursivo e tipo textual. *Scripta. Lingüística e Filologia*. (Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC-Minas). Belo Horizonte, MG: PUC-Minas. Vol.2, no. 4, 1999.